



## “Sempre no Ar. Sempre Consigo”. O Rádio Clube Português em 1963<sup>1</sup>

SANTOS, Rogério<sup>2</sup>  
Universidade Católica Portuguesa

**Resumo:** Em 1963, o Rádio Clube Português, a principal estação de rádio comercial de Portugal, sofreu uma grande transformação: estética, tecnológica e organizativa. Estação nascida em 1931 nos arredores de Lisboa, passou os estúdios para o centro da cidade no começo da década de 1960. Aí instalou novos serviços de noticiários, até então simples leitura de recortes de imprensa. A admissão de noticiaristas (jornalistas) na recém constituída redação permitiu a construção de notícias curtas próximas da estrutura da publicidade. Com a criação de *Sintonia 63*, das 3 às 6 da manhã, garantia-se a emissão contínua 24 horas por dia em ondas médias. O slogan da rádio era “Sempre no Ar. Sempre Consigo”. Muitos dos programas estavam entregues a produtores independentes que estruturavam os programas e angariavam publicidade. Folhetins radiofônicos e programas com um par de locutores, de manhã e tarde, tinham forte impacto junto de públicos populares e donas de casa. Além da música portuguesa, os programas passavam música latina e da América latina; a partir do verão de 1963, com o filme *Summer Holidays* e a organização de concursos e festivais de *twist*, a estação sentiu premência de dar mais espaço à música anglo-americana. Ainda em 1963, durante o mês de agosto, o programa de FM autonomizou-se face às ondas médias, com o surgimento de uma nova geração de profissionais (realizadores, locutores e técnicos). Um dos programas emblemáticos da rádio portuguesa, *Em Órbita*, nasceu nessa estação (1965).

**Palavras-chave:** Rádio Clube Português; ondas médias; FM

### 1. Introdução

No começo de 1960, a passagem dos estúdios do Rádio Clube Português da Parede (Cascais) para Lisboa<sup>3</sup> trouxe uma profunda alteração na vida da estação. A decisão coube a Alberto Lima Bastos, um fundador da rádio. Razões: Lisboa era o centro dos negócios do país e o aumento urbano da Parede, a pouco mais de vinte quilómetros da capital, ameaçava a qualidade das emissões<sup>4</sup>. De início, a opção pareceu

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

<sup>2</sup> Rogério Santos ([rogerio.santos@netcabo.pt](mailto:rogerio.santos@netcabo.pt)) é professor Associado e coordenador da Área Científica de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. Tem o doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Livros mais recentes: *Os Dias dos Média – Uma Análise de Estruturas Organizativas* (2012, coordenação), *Do Jornalismo aos Média. Estudos sobre a Realidade Portuguesa* (2010), *Indústrias culturais – imagens, valores e consumos* (2007), *“A fonte não quis revelar” – um estudo sobre a produção das notícias* (2006), *As vozes da rádio, 1924-1939* (2005).

<sup>3</sup> *Rádio e Televisão*, 30 de janeiro de 1960.

<sup>4</sup> Entrevista com Jorge Botelho Moniz, por Luís Garlito, em 6 de fevereiro de 1995, Arquivo da RTP, AHD 2646.

errada: trocava-se uma moradia por uma garagem. Mas esta, pela sua configuração, permitiria instalar estúdios com qualidade: seis cabinas de gravação, um estúdio de concertos, uma cabina de palestras, uma cabina de noticiários, três cabinas de locução e quatro estúdios de gravação<sup>5</sup>.

Com a mudança geográfica, emergiram novos responsáveis, como Júlio Botelho Moniz. Representante da segunda geração, filho do fundador Jorge Botelho Moniz, vice-presidente da direção em 1960<sup>6</sup> e diretor comercial na assembleia-geral de Rádio Clube Português em março de 1963<sup>7</sup>, ele impulsionou a transformação da estação em empresa, dentro da lógica que se estrutura e organiza atividades, está na frente da inovação tecnológica e vende espaços de frequência a produtores que põem publicidade nos programas. Ainda em agosto de 1963, há cinquenta anos, o Rádio Clube Português surpreendia pelas transformações introduzidas: a emissão contínua 24 horas por dia no seu emissor da Parede e a programação autónoma da sua rede de FM. Um slogan era lançado: *Sempre no Ar, Sempre Consigo*, a dar conta da continuidade da emissão.

É a partir da constituição deste slogan que se desenvolve o presente texto, cujo objetivo principal é situar-nos nas grandes novidades do ano de 1963, nas ações e percursos dos agentes principais (locutores, produtores) e nos seus programas, e com contextualização das transformações.

## 2. Vozes e programas

Ao longo da história da rádio portuguesa ficaram conhecidas muitas vozes da rádio, caso de Mary Guilhermina Sylvia Tarrant Rodrigues, espécie de marca do Rádio Clube Português durante décadas. Filha de ingleses, Mary, assim conhecida popularmente<sup>8</sup>, fez quase tudo que era possível dentro de uma estação de rádio, incluindo a montagem de programas<sup>9</sup>. A sua atividade iniciou-se em fevereiro de 1936. Um dos programas em que colaborou como locutora foi o da APA (ver à frente). Outra voz feminina presente na memória dos ouvintes do Rádio Clube Português foi Clarisse Guerra, locutora do programa *Talismã*<sup>10</sup>. Em 1961, um ano antes de entrar como

---

<sup>5</sup> *Rádio e Televisão*, 17 de janeiro de 1959.

<sup>6</sup> *Rádio e Televisão*, 19 de março de 1960.

<sup>7</sup> *Diário de Notícias*, 18 de março de 1963.

<sup>8</sup> *Rádio e Televisão*, 19 de março de 1960.

<sup>9</sup> *Plateia*, 17 de agosto de 1965.

<sup>10</sup> *Rádio e Televisão*, 8 de setembro de 1962.

locutora deste programa, Clarisse Guerra candidatou-se ao concurso para locutora do SNI (serviço de propaganda do regime). Em carta, o diretor da PIDE (polícia política do regime) colocara a seguinte informação na sua ficha: “Não oferece garantia de cooperar na realização dos fins superiores do Estado”<sup>11</sup>. Curiosamente, a locutora daria voz a alguns dos primeiros comunicados do movimento militar que derrubou o regime do Estado Novo (1974).

O programa *Talismã*, de Armando Marques Ferreira e Gilberto Cotta, nasceu em 1 de dezembro de 1952 inaugurando o horário matinal das 7:00<sup>12</sup>. Nele, criou-se a figura do Sr. Messias (voz do técnico Armando Grilo)<sup>13</sup>, personagem que falava aos domingos com o sotaque particular de uma região do país. Além de música portuguesa, o *Talismã* teve uma rubrica (“Banco dos Réus”), com atores do Teatro Nacional, e folhetins de uma única intérprete, Manuela Reis, responsável pelas diversas vozes das histórias<sup>14</sup>. Segundo Armando Marques Ferreira (1915-1995), sobre o aparecimento do *Talismã*:

Eu estava no Brasil na Rádio Cultura de São Paulo. Estive lá cerca de dois anos. Pedi a demissão da Emissora [Nacional, de Lisboa] exatamente para ir para a Rádio Cultura de São Paulo, que fui convidado. Na Rádio Cultura, fazia ao meio-dia um programa chamado *Talismã*. O programa nasceu no Brasil. Depois, quando fiz cá o *Talismã* com o Gilberto Cotta, utilizei um título que eu tinha inventado e que fiz no Brasil. Aliás, eu tinha feito na Rádio Peninsular, ainda estava aqui na Emissora [Nacional] em 1950. Fiz durante dois meses um programa ao sábado ao meio-dia chamado *Talismã*. [...] No Brasil, aprendi muito, porque a rádio descontraída que eu trouxe para Portugal, quando foi o *Talismã*, e que foi um dos êxitos do programa, o sistema de diálogo direto com o locutor e a locutora, não se fazia em Portugal. Posso dizer e gabar-me, modéstia à parte, que sou pioneiro<sup>15</sup>.

Outro programa que marcou o Rádio Clube Português naquela altura foi *Onda do Optimismo* (8:30-10:00), uma produção da Sonarte. Para Fernando Conde, um dos produtores:

---

<sup>11</sup> Ofício de 7 de setembro de 1961 da direção da PIDE para o SNI (PT/TT/SNI-DSC/A/4/1, SNI, Censura, Caixa 465).

<sup>12</sup> *Rádio Nacional*, 15 de maio de 1954.

<sup>13</sup> Maia, 1995: 173.

<sup>14</sup> *Rádio e Televisão*, 24 de março de 1962.

<sup>15</sup> Entrevista com Armando Marques Ferreira, por Luís Garlito, em 5 de setembro de 1991, Arquivo da RTP, AHD 12028.

O Artur [Agostinho] levava os discos, levava as fitas, fazia-se um grande programa. Foi um grande êxito. Depois, o Artur Agostinho foi proibido de falar ao microfone pela exclusividade da Emissora. [...] Entretanto, tínhamos mudado para outros estúdios, estúdios esses que tinham um certo rigor técnico e de qualidade. Já era gravado. Esteve uma equipa com o [Fernando] Pessa, com a Etelvina [Lopes de Almeida], muito tempo, o Henrique Mendes, e depois estive a Maria Adalgisa, que foi uma novidade aparecer como locutora, ela que era uma cantora sobretudo de opereta, notável. [A Adalgisa] tinha uma voz linda e lia muito bem<sup>16</sup>.

As colaborações de Francisco Igrejas Caeiro na programação do Rádio Clube Português merecem ser também aqui recordadas. Em 1951, no final da volta a Portugal em bicicleta, os organizadores desta convidariam Igrejas Caeiro para montar espetáculos no concelho onde acabava cada etapa. Era o começo de *Os Companheiros da Alegria*, também notabilizados pelos diálogos do Zequinha e da Lélé, com Vasco Santana e Irene Velez, textos escritos por Aníbal Nazaré e Nelson de Barros. Para Caeiro:

A volta a Portugal durava três semanas. Estruturei tudo para um mês, contactar os artistas. Fui a França buscar uma carrinha de dez lugares: «compro-a e vendo-a ao final do mês». Fazíamos espetáculos no final da etapa. Vinham de motocicleta ou de comboio bobinas para dar no dia seguinte no Rádio Clube Português. Introduzi concursos novos. Havia *À Procura de uma Estrela* em cada espetáculo. Apurávamos em cada etapa uma pessoa que ia à final. A final era em Vila do Conde<sup>17</sup>.

Depois, o programa *Os Companheiros da Alegria* tornou-se uma *tournee* regular à volta do país. Seria suspenso em 1954 quando Igrejas Caeiro tomou uma posição política favorável face à União Indiana, que ocupara dois enclaves que Portugal reclamava como seus naquele país. Já antes, em 1948, Francisco Igrejas Caeiro fora expulso da Emissora Nacional porque participara na campanha eleitoral do oposicionista Norton de Matos à presidência da República. O homem de teatro, organizador de espetáculos e locutor teve de reformular a sua vida profissional, ao produzir radionovelas e programas como *O Casal Caeiro Conversa com o Companheiro Ouvinte Acerca de Literatura*, *O Casal Caeiro Dá-lhe uma Ajuda* e *Perfil do Artista*.

---

<sup>16</sup> Entrevista com Fernando Conde, por Luís Garlito, em 29 de janeiro de 1992, Arquivo da RTP, AHD 14792.

<sup>17</sup> Entrevista com Francisco Igrejas Caeiro (e Irene Velez), por Luís Garlito e Cristina Paula Carvalho, em 24 de abril de 1991, Arquivo da RTP, AHD 11872.

Este último atingiu 300 entrevistas a gente das artes e das letras, em especial ligada à oposição política, numa ilustração de grande coragem e verticalidade política, trabalho que incomodou muito e acabou por ser proibido<sup>18</sup>.

Por outro lado, as transmissões de futebol tornavam-se muito populares. Seriam os anos de Artur Agostinho na Emissora Nacional e das Produções Lança Moreira no Rádio Clube Português e nas estações minhocas (estações locais) de Lisboa e Porto. Durante anos, estabeleceu-se um diferendo entre os clubes de futebol e a Emissora Nacional, com aqueles a temer perder espectadores se houvesse transmissão direta pela rádio. Assim, fazia-se uma gravação em disco, depois transmitida às seis da tarde, quando acabava o futebol<sup>19</sup>. A Sonarte para a Rádio Renascença e as Produções Lança Moreira para o Rádio Clube Português começaram a fazer transmissões em direto e simultâneo de dois ou mais campos. Lança Moreira introduziu os relatos de futebol com dois locutores, comentários desportivos no intervalo dos jogos e publicidade<sup>20</sup>. Contudo, ainda estávamos longe do dinamismo das transmissões dos relatos à brasileira, com metáforas e linguagem divertida, o que marcou a segunda metade da década de 1970 e anos seguintes.

### **3. Programas noturnos: o papel de António Miguel (*Meia-Noite, Sintonia 63*)**

Diariamente, a emissão do Rádio Clube Português interrompia-se entre as três e as seis da manhã. Considerava-se não haver ouvintes para tal horário. Mas a sociedade estava em mudança: algumas atividades prolongavam-se pela noite, caso de hospitais, padarias, indústrias de laboração contínua, serviços de táxi e de transporte de camiões, segurança, portos e aeroportos. Muitas das pessoas que trabalhavam à noite passavam a ter a rádio como companhia.

Uma das medidas tomadas de imediato pela direção comercial de Júlio Botelho Moniz foi preencher esse período, de modo a haver uma emissão permanente. Esse responsável preconizara o seguinte: o emissor da Parede fecharia o ciclo de horas de emissão, enquanto o emissor de Miramar (Porto) aumentava as horas de emissão, a

---

<sup>18</sup> Entrevista com Francisco Igrejas Caeiro (e Irene Velez), por Luís Garlito e Cristina Paula Carvalho, em 24 de abril de 1991, Arquivo da RTP, AHD 11872.

<sup>19</sup> Entrevista com Fernando Conde, por Luís Garlito, em 29 de janeiro de 1992, Arquivo da RTP, AHD 14792.

<sup>20</sup> *Rádio e Televisão*, 28 de fevereiro de 1959.

começar às sete da manhã e encerrar às três da manhã<sup>21</sup>. O programa das três às seis da manhã começou em 24 de agosto de 1963<sup>22</sup>, um sábado. Conforme se leu no jornal *O Século* desse dia, “A partir de hoje, o Rádio Clube Português passa a trabalhar sem interrupção, através dos seus emissores de onda média e onda curta, da Parede, o que constitui caso único no nosso País, e pouco vulgar no estrangeiro”<sup>23</sup>. A inclusão de um serviço noticiário às 4:45 foi outra nota de dinamismo na estação<sup>24</sup>. Notícias aquela hora constituíam a preparação dos temas a abordar durante a emissão diurna.

António Miguel e Fernando Curado Ribeiro estruturaram o programa na perspetiva de porta aberta na cabina, em que se ouvia o telefone e se tinha a ideia de público ativo<sup>25</sup>, embora ainda longe do conceito de interatividade, familiar com a internet. Em conversa com o autor, António Miguel recordaria:

eu disse ao [Júlio] Botelho Moniz: «oh, patrão, olhe que isto parece que eles [Emissora Nacional] vão fechar». «Então fechamos já hoje». «Hoje não pode ser. Espere aí que isto leva um bocado de tempo a acertar. Amanhã talvez». E assim foi. De um dia para o outro, avisam-se os emissores porque isto obrigava a uma certa engenharia. E no outro dia estávamos a transmitir com uma coisa chamada *Sintonia 63*. Isto foi no ano de 63. Que bateu toda a gente. Quer dizer, de repente a rádio fechou o ciclo das 24 horas. «Mas que nome é que se põe, que nome é que não se põe»? Eu e o Curado Ribeiro «que nome é vamos pôr»? *Sintonia 63*<sup>26</sup>.

Os produtores e locutores experimentaram novos modelos de emissão de rádio, como discos pedidos, de que resultou terem recebido, logo nos primeiros dias, muitas cartas e telefonemas de apoio ao programa (25 mil telefonemas no primeiro ano). Matos Maia (1995: 282) consideraria que este seria talvez o único programa em que os locutores não eram vedetas mas sim os assistentes de serviço ao telefone 682075, para onde se pedia um disco, se dava uma informação geral e se faziam apelos.

Os objetivos e valores da rádio de *Sintonia 63* (1963-1967) eram a continuação dos projetados no programa noturno até às 3 horas, o *Meia-Noite* (1959-1967). António Miguel fora um dos realizadores e produtores deste último programa, conjuntamente

---

<sup>21</sup> *Rádio e Televisão*, 13 de abril de 1963.

<sup>22</sup> Numa edição da época, indica-se também a data de 26 de agosto como começo do programa (*Rádio e Televisão*, 29 de agosto de 1964).

<sup>23</sup> *O Século*, 24 de agosto de 1963.

<sup>24</sup> *Diário de Lisboa*, 24 de agosto de 1963.

<sup>25</sup> *Rádio e Televisão*, 31 de agosto de 1963.

<sup>26</sup> Entrevista dada por António Miguel ao autor, 2 de novembro de 2011.

com Armando Marques Ferreira. O programa *Meia-Noite* começara a emitir até às duas da manhã, depois alargado até às três horas da manhã, tendo recebido um prémio, o Óscar da Imprensa, em 1962, para os seus dois produtores<sup>27</sup>. O Rádio Clube Português posicionava-se face à concorrência, com o forte programa *23ª Hora*, da Rádio Renascença, nascido também em 1959. Em dias especiais, como o Natal e o Carnaval, o *Meia-Noite* levava a emissão até às sete horas. *Sintonia 63* seria a ocupação definitiva desse horário ainda disponível.

#### 4. FM

Além da emissão contínua em ondas médias na área de Lisboa, o Rádio Clube Português apostou na FM (frequência modulada), de maior qualidade sonora na propagação. Por outro lado, separou a programação desta face às ondas médias, aceitando produtores e locutores jovens para a sua programação, uma nova geração. O surgimento da programação independente de FM permitiu a discussão técnica sobre emissões de rádio e a entrada de novas estéticas. A rádio de FM privilegiaria a música em detrimento dos diálogos dos locutores. Ao mesmo tempo, a música portuguesa e de expressão latina e da América do Sul perdia terreno face às músicas oriundas do mundo anglo-americano.

Joel Nelson, Fernando Curado Ribeiro, Produções Lança Moreira, Paulo Fernando, José Nascimento, Teixeira Mota e Duarte Ferreira foram nomes da rádio convidados por Júlio Botelho Moniz a abrir a FM do Rádio Clube Português<sup>28</sup>. A programação de FM alterou muito nos anos seguintes, mas vale a pena revisitarmos a primeira grelha no começo de agosto de 1963: Fernando Curado Ribeiro das oito às dez, *Estúdio 9*, uma produção de António Miguel e Paulo Fernando, com a colaboração de Edite Maria e Manuel Seleiro, das dez às onze, Produções Lança Moreira, das onze às treze, programa de Ribas Martins e Fernando Santos, das treze às 15:15, RPO (Rádio Press Office), das 15:15 às 17:30, *Alta Fidelidade*, de Duarte Ferreira, da meia-noite até à uma da manhã<sup>29</sup>. Outros programas seriam *Música sem Fronteiras*, transmissão de sucessos internacionais em versões portuguesas, *Momento para os Jovens*, com os ritmos que

---

<sup>27</sup> Maia, 1995: 293.

<sup>28</sup> Entrevista com Joel Nelson, por Luís Garlito, em 23 de abril de 1996, Arquivo da RTP, AHD 2844.

<sup>29</sup> *Rádio e Televisão*, 3 de agosto de 1963.

então despontavam, e *Ritmo da Semana*<sup>30</sup>.

A FM do Rádio Clube Português era ainda um propósito em busca de afirmação, como se depreenderia de uma entrevista de Júlio Botelho Moniz, diretor comercial da estação, que preconizava uma rede de doze emissores em todo o país, com possibilidade de desdobramentos para atender às necessidades das diversas regiões, permitindo a publicidade local<sup>31</sup>. Parecia antecipar o fluxo e a descentralização das rádios locais na década de 1980.

Claro que o dinheiro ganho em ondas médias permitia o luxo de ter uma emissão própria em FM<sup>32</sup>. Um dos principais autores do programa *Em Órbita*, Jorge Gil, comentaria assim: “Quando saiu o FM, no seu início nós não pagávamos nada ao Rádio Clube Português. [...] o FM era considerado uma extensão inútil”<sup>33</sup>. Poucos anos depois é que a estação começaria a cobrar pelo aluguer de espaços de antena, o que permitiu aos produtores durante esse tempo montar estruturas rentáveis. Iniciado em 1 de abril de 1965, o *Em Órbita* ganharia o prémio internacional Onda 67, atribuído pela revista catalã com aquele nome<sup>34</sup>. Para Jorge Gil, “um responsável da estação virou-se para o grupo que formou o programa e disse: «vocês estão sempre em órbita»... Foi na altura em que foi lançado o Sputnik”<sup>35</sup>. Pedro Albergaria, outro dos criadores do programa, corroboraria esta ideia:

O que é que ia fazer o programa? Tocar só discos? Tínhamos de escrever textos? Acho que fomos apanhando pouco a pouco a fórmula. [...] A escolha do nome foi do antigo diretor do Rádio Clube Português, o Álvaro Jorge. Ele saiu-se com este *Em Órbita*. E, pronto, naquela altura, estava muito na moda. Todos os dias, havia coisas que era a grande novidade quando se punha uma coisa em órbita. No dia 1 de abril de 1965, com este indicativo. [...] O único instrumental que eles [Kinks] gravaram [*Revenge*]<sup>36</sup>.

Joel Nelson, um dos pioneiros da FM do Rádio Clube Português, mais tarde notabilizado pelas produções Espaço 3P, com muitas horas diárias de emissão, criou o

---

<sup>30</sup> *Rádio e Televisão*, 3 de agosto de 1963.

<sup>31</sup> *Rádio e Televisão*, 24 de agosto de 1963.

<sup>32</sup> Entrevista com Jorge Botelho Moniz, por Luís Garlito, em 6 de fevereiro de 1995, Arquivo da RTP, AHD 2646.

<sup>33</sup> Entrevista dada por Jorge Gil ao autor, 17 de janeiro de 2012.

<sup>34</sup> *Rádio e Televisão*, 19 de outubro de 1968.

<sup>35</sup> Entrevista dada por Jorge Gil ao autor, 17 de janeiro de 2012.

<sup>36</sup> Entrevista com Pedro Albergaria, por Luís Garlito, em 1 de junho de 1995, Arquivo da RTP AHD 14946.



programa *Boa Noite em FM*, cujo indicativo era um instrumental de música portuguesa, *Boa Noite Lisboa*. Através desse programa, Joel Nelson queria despertar o

interesse dos ouvintes para a rádio através da música. Sempre pensei e continuo a pensar que o FM é por excelência para transmissão musical. E ainda o era mais na altura porque havia uma grande diferenciação da onda média. [...] No nosso entender, deveriam tocar, aflorar pontos de interesse geral, era o cinema, era a música. E, daí, nós estarmos presentes em festivais”<sup>37</sup>.

## 5. APA, noticiários e Luís Filipe Costa

A APA (Agência de Publicidade Artística) foi uma importante agência de publicidade portuguesa após o final da II Guerra Mundial. O seu proprietário, José Fernando Leitão, inicialmente com Mário Rodrigues Rocha, produzia programas de rádio e espetáculos de variedades. Assim nasceu o programa trissemanal *Passatempos APA*, espetáculo transmitido em direto ou gravado na onda média do Rádio Clube Português (1946-1958). O programa chegou a ter uma orquestra de vinte e quatro figuras, com dois pianos laterais, dirigida pelo maestro Fernando de Carvalho<sup>38</sup>. Locutores conhecidos apresentavam o programa de cantores e *sketchs*, alguns deles cómicos<sup>39</sup>. A APA competia com programas como *Os Companheiros da Alegria*. Contaria Firmino Antunes, ainda centrado na década de 1950:

houve um artista que marcou muito essa agência de publicidade, esses *Passatempos APA*, que foi Odyr Odillon, um artista brasileiro que fazia cantar o público – e ele é que ganhava o *cachet*. Mas o público não se importava com isso. Foi um artista que esteve três anos consecutivos nos *Passatempos APA*. Começámos com os *Passatempos* às segundas e sextas-feiras. A coisa começou a tomar proporções tão estrondosas que depois foi às segundas, quartas e sextas. Não eram transmitidos em direto, eram gravados pelo Rádio Clube Português e, muitas vezes, acontecia [que] estávamos a transmitir o programa [e] a transmitir para o público”<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> Entrevista com Joel Nelson, por Luís Garlito, em 23 de abril de 1996, Arquivo da RTP, AHD 2844.

<sup>38</sup> Entrevista com Firmino Antunes, por Luís Garlito, em 28 de abril de 1992, Arquivo da RTP, AHD 14778.

<sup>39</sup> Entrevista dada por Luís Filipe Costa ao autor, 27 de janeiro de 2012.

<sup>40</sup> Entrevista com Firmino Antunes, por Luís Garlito, em 28 de abril de 1992, Arquivo da RTP, AHD 14778.

Aqui, deteta-se a passagem da transmissão em direto para o registo gravado e a importância dos cantores exclusivos (Odyr Odillon, Max, Rui de Mascarenhas), então designados por artistas da rádio, porque vinculados a programas de cada estação. Alguns destes cantores vinham do Centro de Preparação de Artistas da Rádio, da Emissora Nacional (criado em 1947 e reativado em 1954<sup>41</sup>), mas eram também popularizados por empresários de programas de variedades (como se designavam os espetáculos de música ligeira de então) e programas de rádio, fenómeno que se prolongou até meados da década seguinte, quando a televisão começou a marcar novos territórios, em especial o Festival da Canção, que já vinha da década de 1950.

A APA criaria uma estética e uma linguagem próprias nas tardes desportivas. Domingos Lança Moreira, colaborador da APA e autor do *Suplemento Desportivo*, tornar-se-ia o principal produtor independente de eventos desportivos radiofónicos<sup>42</sup>, com locução, reportagens e entrevistas, criando uma empresa com o seu nome. Recorda Luís Filipe Costa, cuja atividade profissional nasceu dentro dos programas da APA:

a rádio privada era uma espécie de tinta que vendia horas. A produção própria praticamente resumia-se à apresentação de discos durante meia hora, uma hora. Uma ou outra vez havia um programa, mas era muito raro. [As estações] viviam de aluguer, cobravam à hora, das dez às onze da manhã, uma agência de publicidade, o chamado produtor, que tinha liberdade para fazer o que quisesse, pondo a publicidade que angariava. Publicidade essa que estava, enfim, mais ou menos contabilizada, não podiam fazer mais do que um certo número de minutos. Depois o programa era normalmente conversa entre um homem e uma mulher, dois locutores<sup>43</sup>.

Em 1959, Luís Filipe Costa passava da APA para os noticiários do Rádio Clube Português, na transição dos estúdios da estação para Lisboa. O seu empenho valeu-lhe ser conhecido como o *homem-notícia*<sup>44</sup>. Os elogios apareciam com regularidade, dado as notícias editadas não seguirem apenas os telexes que chegavam à redação, mas informações veiculadas por agências noticiosas, como a France Presse<sup>45</sup>, e emissoras estrangeiras<sup>46</sup>. Os noticiários tinham pequenas histórias encadeadas, em estilo

---

<sup>41</sup> *Rádio e Televisão*, 30 de maio de 1959.

<sup>42</sup> *Plateia*, 15 de julho de 1961.

<sup>43</sup> Entrevista dada por Luís Filipe Costa ao autor, 27 de janeiro de 2012.

<sup>44</sup> *Rádio e Televisão*, 15 de dezembro de 1962.

<sup>45</sup> *Plateia*, 1 de maio de 1960.

<sup>46</sup> *Plateia*, 1 de novembro de 1963.

telegráfico, criando uma narrativa como se fossem anúncios publicitários ou cinema documental. Para António Miguel, o sistema de noticiário curto veio da necessidade do programa *Meia-Noite*. Como estava a nascer o género musical brasileiro bossa nova, o noticiário, emitido às 00:45, levou essa designação<sup>47</sup>.

## 6. Publicidade e produtores independentes

A publicidade é elemento essencial na atividade das estações de rádio. Embora não referente ao Rádio Clube Português, os valores praticados em 1961 rondavam os 500 escudos diários por programas de quinze minutos, como o produzido e escrito por Mário Lisboa, *Cavalgada do Ritmo*, para a Rádio Graça<sup>48</sup>. Daquele valor, Mário Lisboa receberia 220 escudos, pois angariara a publicidade. 500 escudos era o salário médio mensal de um locutor de rádio, então uma profissão bem remunerada.

Ainda era o tempo de programas com um anunciante ou com vários num tempo bastante curto, o que provocava constrangimentos nos ouvintes. Júlio Botelho Moniz tinha, por isso, uma perspetiva crítica de alguns produtores, conforme o declarou numa entrevista:

Creio que [...] o mais indicado é o conjunto de produção da própria estação e a venda de períodos a produtores. Em concorrência, a tendência será melhorar. No caso particular de Rádio Clube Português, tem sido o sistema e só a procura extraordinária de tempo nos tem levado a abdicar, em parte, desse processo. Isto, de resto, só tem beneficiado os produtores independentes<sup>49</sup>.

O ideal, continuava, era reduzir a percentagem de publicidade, e a melhoria das suas mensagens, que valorizariam os programas e, assim, o preço do anúncio subia e garantia um rendimento elevado aos produtores<sup>50</sup>. Se do lado das estações, havia a noção de rever processos, do lado do anunciante surgiam lentas transformações. Durante a década de 1950, fora habitual uma empresa patrocinar um programa em exclusividade, com a elaboração de textos com alguma preocupação literária; já no começo da década de 1960, com a entrada de agências de publicidade internacionais, o

---

<sup>47</sup> *Rádio e Televisão*, 15 de dezembro de 1962.

<sup>48</sup> Carta de Mário Graça ao SNI, 13 de fevereiro de 1962 (PT/TT/SNI-DSC/A/4/1, SNI, Censura, Caixa 465).

<sup>49</sup> *Rádio e Televisão*, 13 de abril de 1963.

<sup>50</sup> *Rádio e Televisão*, 13 de abril de 1963.

*spot* repetido ganhava peso, permitindo que diversas marcas anunciassem num programa, em especial os de maior duração, de hora e meia ou duas horas<sup>51</sup>.

A questão dos produtores independentes face aos proprietários das estações era antiga. Eram aqueles que pagavam a unidade de emissão em ondas médias. O Rádio Clube Português não podia prescindir disso e, possivelmente, não pretendia mudar tudo, pois isso implicaria criar programas, angariar publicidade e ter empregados a tempo inteiro. A defesa do aluguer de períodos de emissão significava a existência de uma variedade grande de produtores com ideias novas e que renovavam o perfil dos horários, atraindo novos ouvintes e, assim, nova publicidade<sup>52</sup>.

Houve uma oscilação permanente entre produção independente e produção da estação, com uma terceira via, a dos locutores-produtores. Isto é, tinham um vínculo à estação, com uma remuneração base por essa atividade, e podiam explorar períodos de horário, angariando a sua própria publicidade e pagando uma renda à emissora. Podiam surgir confusões se, interrompendo um programa, o locutor de serviço anunciava ou não um noticiário em colaboração com a entidade que patrocinava esse programa<sup>53</sup>. No emissor do Porto do Rádio Clube Português, experimentou-se um quarto modelo, o da maior parte da programação do emissor ser do própria estação e com aluguer de apenas algumas faixas horárias<sup>54</sup>, como aconteceu com a FM.

## **7. Algumas conclusões**

No período analisado, o país estava sob a tutela de um regime ditatorial. O Rádio Clube Português nascera em 1931 e a sua direção, em especial o fundador Jorge Botelho Moniz, seguiu sempre de muito perto as diretrizes do regime. A guerra colonial iniciada em 1961 em três frentes africanas estava num impasse ou tendia para a derrota de Portugal. Os responsáveis da ditadura não aceitavam isso e tinham montado uma campanha interna de propaganda, onde o inimigo era nomeadamente o conjunto dos países do bloco soviético, que incentivavam e apoiavam os “terroristas” africanos. Em 1963, a prisão de membros do Partido Comunista, como Blanqui Teixeira, foi uma grande vitória para o poder político, ampliada pelos jornais. Por outro lado, foi notório o

---

<sup>51</sup> *Rádio e Televisão*, 18 de março de 1961.

<sup>52</sup> *Rádio e Televisão*, 2 de abril de 1960.

<sup>53</sup> *Rádio e Televisão*, 2 de junho de 1962.

<sup>54</sup> Entrevista dada por Rui Melo ao autor, 25 de junho de 2012.

esforço da propaganda interna, com discursos de Salazar e manifestações de apoio à sua política, com as empresas a facilitarem a saída dos seus empregados para participarem nessas ações. Uma visita do presidente da República Américo Tomás a Angola foi saudada pelos jornais, que mostravam multidões a recebê-lo.

Os jornais e os media em geral tinham uma forte censura. Como nas outras emissoras, o Rádio Clube Português tinha um censor nomeado pelo regime. Mas a relação era boa, como se lia em notícias sobre as assembleias-gerais da estação, com louvor “ao tenente-coronel José Raposo Pessoa, delegado do Governo junto de Rádio Clube Português, pela confiança que depositou em todos os atos da direção”<sup>55</sup>.

Como se fazia a inovação dentro da estação? Avanço algumas explicações, ainda no campo das hipóteses de trabalho. Os locutores e os produtores tinham de manter a atualização de repertórios musicais e negociavam com as fontes de financiamento publicitário. Isso levou-os a serem lançadores de tendências, em especial em FM e nos programas noturnos em ondas médias. Os programas de maior impacto funcionavam como motores de um todo que era a programação. Aos fatores internos, como aumento de horas de emissão e maior concorrência entre profissionais dentro das estações e entre estações, destacaram-se fatores externos como concorrência da televisão e mudança de gostos musicais (da música portuguesa e da Europa latina para a música anglo-americana, que aparecia massificada). A esta última tendência houve quem a chamasse *desnacionalização da música*.

## **Bibliografia**

Maia, Matos (1995). *Telefonia*. Lisboa: Círculo de Leitores

---

<sup>55</sup> *Rádio e Televisão*, 3 de abril de 1965.